

ASPECTOS DO DESCENTRAMENTO: IDENTIDADE E SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE

Emilio Davi Sampaio *
emilio@uems.br

RESUMO

Este texto analisa a posição e a construção do sujeito/identidade(s) no “tempo” pós-moderno. Observando que as velhas identidades que davam sustentação e estabilidade às relações estão em declínio, discute-se, à luz de estudiosos, entre eles Foucault, Lacan, Althusser e Hall alguns possíveis “descentramentos” do sujeito. Compreende-se que este sujeito se configura como um ser sem centro, plural e sem limite de posicionamentos, o que resulta nas identidades abertas e inacabadas. Porém, não se pode dizer que este mesmo sujeito é um ser fragmentado, mas sim um sujeito em potencial, uma vez que ele é efeito de um complexo identitário que o determinou perante a interpelação de lugares.

Palavras-chave: identidade; pós-modernidade; sujeito; descentramento.

1 O SUJEITO HISTÓRICO E SUAS RELAÇÕES

Neste início de século, a humanidade vive um momento de grandes realizações e descobertas tecnocientíficas, provocadas pela tentativa incessante de se desvendar o mistério de sua própria existência e pela sua inerente capacidade de criar. As novas descobertas perpassam pelos vários modos de se fazer ciência e da própria ciência em si. A biotecnologia e a informática têm nos apresentado novidades a cada dia, deixando-nos ora perplexos e extasiados, ora preocupados e inseguros com o que se apresenta às nossas vistas.

É sabido que esses acontecimentos, reportando-nos à história, são uma marca que se registra a cada fim e início de século atravessado pela humanidade, mas é importante que se considere que os momentos histórico-sociais, econômicos e culturais são diferentes. A ciência deste século caminha a passos muito largos, com uma velocidade que não se compara ao que se inventava, descobria e acontecia, em termos de produção e avanços científicos, ao final dos séculos imediatamente anteriores, pois hoje nossa sociedade conta com um aparato tecnológico jamais visto, funcionando como importante instrumento, utilizado para desenvolver pesquisas nos diversos campos do saber.

Apesar de novas descobertas no campo tecnocientífico, que propiciam uma melhora nas condições de vida das populações humanas, as mudanças e alterações que ocorrem no meio social são cada vez mais asfixiantes, deixando uma grande parcela da humanidade

* Doutor em Letras (UFRGS); docente em Letras (UEMS).

preocupada com o que está por vir. Devido ao processo de globalização, os sujeitos hoje são outros, conseqüentemente, as relações também, o que provoca alterações identitárias e outras formas de olhar e reconhecer o local, o mundo e o outro. Mas, efetivamente, quem são e como se comportam esses sujeitos e sua(s) identidade(s)? Isto tem abalado e muito as já complicadas relações sociais e a vida das pessoas. Para Hall (2006, p. 75):

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”.

Sendo assim, o que vemos e o que temos diante de nós, com tudo que se passa nas entranhas da sociedade contemporânea, é algo que talvez não seja de difícil compreensão, mas que nos indica uma mudança de pensamento e uma alteração nas relações que se estabelecem em nosso meio. Porém é preciso compreender até que ponto esse “consumismo” desenfreado que contribuiu para a instituição do “supermercado cultural”, de que fala Hall, significa e importa para nós em relação ao local e ao global.

Talvez seja preciso uma nova forma de olhar e de encontrar-se com princípios, conceitos e valores. As verdades que procuramos não podem ficar tão distantes de nosso conhecimento e não se fazer presentes um dia. O que não podemos é deixar que algo se estabeleça em nosso meio sem nossa compreensão, sem sabermos os porquês, os pró e os contra. É necessário termos certa noção do que se apresenta como fator importante para nossas vidas. Sabemos, como Nietzsche (2011), que não há verdades absolutas em se tratando da produção de conhecimento científico, mas o entendimento sobre a nossa realidade presente é salutar para nós. É preciso ser sujeito ativo, participante e estar disposto a conhecer o que ora se apresenta. Sobre essa questão, assim se coloca Schnitman (1996, p. 16):

Não somos meros reprodutores passivos de uma realidade independente de nossa observação, assim como não temos liberdade absoluta para eleger de forma irrestrita a construção da realidade que levaremos a cabo. A operação ativa de construção/desconstrução (no contexto) que os grupos humanos fazem sobre o que será o seu “universo” – objeto de conhecimento – coincide com sua emergência simultânea como sujeitos no mesmo processo de construção.

Observamos que tudo isso nos leva a crer que estamos inseridos num processo dialético que não se desvenda muito facilmente, mas que se apresenta como um meio de chegarmos a algum lugar.

Uma forma de olharmos para esta realidade de maneira mais ampla e segura talvez esteja surgindo ainda nesse período que podemos considerar de *deslocamentos e descentramentos*, pois o que se observa é que o sujeito/identidade(s) de hoje, que podemos denominar de sujeito pós-moderno, é um sujeito com olhar plural, diferente do sujeito de até então, existente na modernidade.

E a realidade presente também dialoga conosco de forma plural, múltipla; nós é que, às vezes, não damos conta disso e nem sequer percebemos, talvez por estarmos habituados a seguir uma linha de raciocínio que nos foi legada tempos atrás. Mas hoje, o ser humano recebe pressão de múltiplas forças que o cercam com questionamentos de todas as ordens e de conceitos.

Atravessamos todo o período, considerado dentro da linha histórica como *Modernidade*, ancorados no sistema cartesiano de análise e visão da realidade. Nossos componentes avaliativos, conceitos e valores histórico-sociais e culturais aliados à ciência se estabeleceram sustentados por esse método de análise elaborado por Descartes ainda no século XVII.

No decorrer dos séculos tivemos, ainda atrelados ao pensamento de Descartes, outros pensadores que também contribuíram para com a filosofia e a ciência, porém nada que pudesse romper com o que podemos chamar atualmente de um modelo já esgotado em sua proposta de análise e interpretação da realidade.

Os primeiros lampejos, assinalando uma ínfima, mas já existente ruptura com esse paradigma racionalista foi dada, mesmo que de diferentes maneiras, por Marx, Nietzsche e Freud. Posteriormente outros os sucederam e deixaram suas contribuições. Sem desconsiderar os avanços conquistados pela humanidade, é de se imaginar que o momento de real rompimento com o velho paradigma chegaria um dia em definitivo.

Para que isso acontecesse, muitos estudiosos colaboraram, não fossem eles não avançaríamos. Ente eles, Althusser que, em relação ao pensamento de Marx, faz uma subversão, sinalizando para a construção de outro quadro teórico: ele destitui a ideia de base/superestrutura, rompendo com o conceito de determinação, assim cunha o conceito de sobredeterminação, pois para ele, a estrutura é descentrada.

A determinação não significa que há uma correlação necessária dentro da estrutura, pois pode-se ter várias contradições no campo social, por isso não há causa neste campo. De

acordo com Althusser, há uma estrutura descentrada, por isso a capacidade de análise conceitual de Marx não dá mais conta de examinar o real, porque as relações hoje não são somente de classe, mas de muito mais: de raça, de minoria e de outros grupos. E mais, a verdade é que os sujeitos são outros e é necessário repensar o binarismo e o campo das contradições.

Lacan (1996) é outro teórico que colabora para o avanço do descentramento do sujeito. O respeitado pensador, em sua releitura sobre Freud consolida algumas conexões teóricas importantes sobre o significado. Ele se debruça sobre a história do sujeito do ponto de vista da psicanálise, e consegue compreender os dramas do eu especular (triângulo de Freud) para o eu social. Para Lacan, a primeira grande perda do ser humano é o nascimento, porque é a perda da plenitude vivida no útero; a segunda é o processo de diferenciação da perda do corpo da mãe, pois o pequeno sujeito vai territorializar seu corpo depois disso.

Lacan vai descentrar o *eu* como sujeito de que existe uma equivalência entre o *eu* e a consciência. Existe a história dos dois, mas não a equivalência, porque o *eu*, a partir dos estudos freudianos, é cindido pela própria existência da consciência, ele é sempre descentrado, portanto, reflexão e consciência não coincidem. É preciso que o sujeito perca sua consciência para se encontrar, para encontrar o sujeito. Com isso, Lacan elimina o famoso pensamento de Descartes sobre o ser humano: *penso logo existo*, pois esta ideia, para o renomado psicanalista, é metafísica e não explica o que é o ser humano.

Pode-se dizer que a ideia pós-moderna nos chega aproximando sujeitos culturais para edificar o sentido maior que é dado à humanidade: a busca de um viver que nos torne dignos de nossa existência, e nos permita construir nossa história conhecendo a nós mesmos e respeitando o outro, que, muitas vezes, consideramos diferente. Não que ele não possa ser diferente, mas é que nos esquecemos de que a relação entre um e outro deve ser estabelecida num sentido igualitário e não de subjugação. Para reforçar o que acabamos de expor recorremos a Pellanda (1996, p. 228):

A partir da modernidade, o conhecimento é considerado uma relação entre o sujeito que tenta conhecer algo e o objeto a ser conhecido. Conhecimento, no entanto, implica sempre num ato que se dá na relação dos seres humanos com o mundo, constituindo a ambas as partes neste processo. Por isso, conhecimento é sempre histórico no sentido da produção concreta de realidade.

É fato de que não podemos nos esquecer que as grandes conquistas da humanidade que hoje se apresentam, sejam no campo das ciências ou das ideias, não podem, jamais, deixarem de ser consideradas pelas gerações vindouras. Nosso presente só se realiza porque

temos um passado construído. O respeito pelos que ajudaram a humanidade a chegar até esse momento, é condição primeira e relevante para dizermos que há grandeza nesse ser que quer se perpetuar neste planeta. Muitos estudiosos colaboraram para o atual estágio do conhecimento humano, de Tales de Mileto à atualidade muito se progrediu e muitos deram grandes contribuições.

Diante disso, é possível afirmar que não se pode negar o passado, nem o que se produziu cientificamente nesse passado, nem, muito menos desconsiderá-lo, mas no bojo de uma convivência pacífica com o outro, que se mostra diferente, deve haver o respeito necessário para que se possa ter condição livre de escolha para avançarmos sempre como verdadeiros seres humanos. Assim, será possível uma convivência pacífica entre todos e entre todas as diferentes formas de elaboração do pensamento, o que nos leva a retomar Nietzsche quando observa que não existem verdades absolutas, mas apenas interpretações da realidade acerca do ponto de vista de quem as propõem.

2 O DESCENTRAMENTO DO SUJEITO

Conforme já mencionado, atualmente, se discute muito sobre a questão da identidade e pergunta-se como se configura este sujeito/identidade(s) nos dias atuais. Hall (2006), apesar de ter consciência de que o conceito de identidade ainda é algo complexo e pouco desenvolvido, afirma que as identidades pós-modernas estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas. Ele assinala três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo, para Hall, é aquele tipo centrado, unificado e dotado das capacidades da razão. Esse sujeito tinha por base a permanência e a continuidade de sua identidade desde o seu nascimento, isto é, não havia mudança alguma no seu interior. O sujeito sociológico se insere no mundo moderno e organiza-se na interação com a sociedade. Assim, a identidade desse sujeito se constrói a partir da relação de sentimentos subjetivos com a objetividade requerida no mundo social e cultural, isto é, exterior a ele. Essa relação resulta na adesão do sujeito à estrutura, estabilizando-os mutuamente e tornando-os ambos mais unificados. O sujeito pós-moderno, segundo Hall, é aquele que não tem uma identidade fixa ou permanente. Com mudanças estruturais acontecendo a todo momento, este sujeito vai assumir identidades diferentes em diferentes momentos, tornando-se um ser fragmentado,

devido ao colapso das paisagens sociais que não asseguram mais nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura.

Assinala-se que as velhas identidades que davam estabilidade ao mundo social estão em declínio, fazendo surgir um novo sujeito que é fruto de toda uma alteração nos modos de produção de vida e nas formas de elaborar relações que a cada dia se transformam, não havendo mais fixação de conceitos e valores.

As transformações ocorrem nos mais diversos campos e extratos sociais e culturais: de classe, etnia, raça, gênero, sexualidade que, no passado, forneciam localizações sólidas aos indivíduos sociais. Ocorre que tudo isso está mudando nossas identidades pessoais. É o que teóricos, entre eles, Laclau (1991) vai qualificar como deslocamento ou descentramento do sujeito, pois, de acordo com o pesquisador, estamos dentro de uma estrutura sem centro e nós também não temos centro.

Por outro lado, não podemos nos esquecer que ainda temos diferentes identidades que se interrelacionam de forma a provocar certa tensão nessa sociedade que também já não tem mais um centro, mas vários, e todos, de certo modo, exercem determinado poder dentro de seu próprio centro, pois essa mesma sociedade está sendo descentrada constantemente, por forças fora de si mesma. Laclau (1991) afirma que esses deslocamentos possuem características positivas, pois eles desarticulam as identidades estáveis do passado e abrem a possibilidade para novas articulações, que virão a se constituir em novas identidades, produzindo novos sujeitos.

Tudo isso ocorre porque se vive uma verdadeira crise de identidade, pois o que era fixo deixa de o ser, e com isso, é necessário reconstruir uma gama de coisas que começam a vir à tona questionando valores até então construídos e herdados por interesses e determinações ditados por grupos que sempre detiveram o poder. Estes, que sempre estiveram no “centro” (lembrar que este centro era criado a partir de concepções oriundas da sistematização do pensamento deles e para eles), jamais se importaram com o outro, com o periférico, com aqueles que foram colonizados, e o pior, “colonizados” por imposição e força, sem que se fossem respeitadas suas origens e suas histórias e também seus modos de produção de vida que subsumiam seus valores, crenças e cultura.

Ao longo do tempo, estudiosos colaboraram fornecendo subsídios e interpretações teóricas para entender o percurso que culmina com o surgimento de um sujeito/identidade que apresenta certa complexidade e que evidencia múltiplas características, e que o faz também se posicionar de forma plural na sociedade, uma vez que este sujeito vem sendo construído historicamente.

Para entender melhor isso, conforme mencionado, Hall (2006), assim como Laclau (1991) e outros estudiosos, falam de certos descentramentos: o primeiro refere-se às tradições do pensamento marxista, que deslocara qualquer noção de essência individual. Althusser (1998) retoma o pensamento de Marx ao colocar as noções de relações sociais para o modo de produção, e destitui a noção abstrata de homem no centro de seu sistema teórico, deslocando duas proposições-chave: 1 – que há uma essência universal de homem; 2 – que essa essência é o atributo de cada indivíduo singular, o qual é seu sujeito real.

O segundo descentramento tem a ver com a descoberta do inconsciente por Freud. Segundo Hall (2006), essa descoberta vai demolir com o conceito do sujeito cognoscente e racional, provido de uma identidade fixa e unificada, pois ele postula que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente e que funciona de forma bem diferente daquela inscrita pela razão. Assim, a identidade é algo formado através de processos inconscientes existentes na consciência no momento do nascimento. Não há uma unidade, pois ela está sempre em processo e sendo formada, não há um fim que conclua algo. Por isso, não é possível falar de identidade como algo pronto, definido e acabado. A identidade surge da falta de inteireza que vai ser preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

De acordo com Hall (2006), o terceiro descentramento refere-se ao pensamento do linguista Saussure. Num trabalho todo voltado para a linguagem, Saussure expõe que nós não somos os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos, apenas nos posicionamos no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura, pois a língua é um sistema social e preexiste a nós. Além disso, os significados das palavras não são fixos no mundo existente fora da língua. No dizer de Derrida (1971), o que ocorre é que o significado é instável, ele procura o fechamento (a identidade), mas é perturbado pela diferença e sempre subverte nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis.

O quarto descentramento da identidade e do sujeito, segundo Hall (2006), está no trabalho de Foucault, que vai mexer com o instituído, com aquilo que se tinha por fixo, certo e historicamente construído por quem sempre deteve o poder. Pensar o poder para ele é no sentido de uma realização efetiva, sem se preocupar com uma oposição, mas fazendo uma crítica teórica. Ele fez um deslocamento no que se entende por historiador. Um deslocamento em termos de epistemologia da ciência, pois Foucault vai demolir, principalmente, o conceito

de valor, deslocando também a noção de sujeito. Este mesmo sujeito que pode assumir várias posições diferentes dentro do discurso.

Para Hall (2006), Foucault contribui para se compreender como os discursos plasman na sociedade de forma a ditar normas, condutas e interesses, pois é controlando os discursos que as instituições mantêm o poder. Nesse sentido sua teoria avança trazendo uma maneira diferente de pensar o conhecimento sobre noções de valor socialmente construídas nos mais diversos campos do saber. Assim, sua teoria vai contestar a orientação universalista, pois defender valor é, de certa forma, preservar um poder, e esse poder vai regular o lugar, a prática e a circulação dos objetos culturais de uma dada cultura.

O quinto descentramento, de acordo com Hall (2006, p. 44), refere-se ao “feminismo, tanto como crítica teórica quanto como movimento social”. Além do feminismo, destacam-se alguns movimentos sociais surgidos nos anos 1960. Esses movimentos se opunham a toda forma de política instalada tanto pelo regime capitalista quanto comunista, pois apelavam para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, as lutas raciais aos negros, o movimento antibebequista aos pacifistas, e assim por diante. Com isso, vai se constituir o nascimento de uma política de identidade, isto é, uma identidade para cada movimento. O feminismo, por exemplo, questionou a clássica distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e o “público”, o que abre para a contestação política, uma discussão nova sobre diversos conceitos, entre eles, a noção de família, sexualidade, trabalho doméstico, entre outros.

Para dar conta do exposto, é bom lembrar que as teorias pós-estruturalistas mencionam que a finalidade das ciências humanas não consiste na compreensão ou na construção do ser humano, mas na sua dissolução. Ainda afirmam que a realidade humana é um constructo social e a própria consciência é descentralizada. Sobre este aspecto, Culler (1999, p. 108) corrobora, afirmando:

Se as possibilidades de pensamento e ação são determinadas por uma série de sistemas que o sujeito não controla e nem ao menos compreende, então o sujeito está “descentralizado”, no sentido de que não é uma fonte ou centro ao qual nos referimos para explicar os acontecimentos. Ele é algo formado por essas forças.

Diante disso, pode-se dizer que estes descentramentos, juntamente com outras teorias desenvolvidas ao longo de todo esse percurso histórico contribuíram para se compreender as mudanças conceituais sobre o sujeito, visto anteriormente como uma identidade fixa e estável. Este mesmo sujeito que, após isso, se apresenta de forma descentrada, o que resulta nas

identidades abertas e inacabadas. E, certamente, esse não é o sujeito fragmentado de que fala Hall, mas sim o sujeito heterogêneo (pós-moderno), um sujeito em potencial, pois não é possível acreditar que a multiplicação de paisagens culturais leva-nos a crer que esse mesmo sujeito se fragmente, uma vez que ele é efeito da identidade, ou melhor, de um complexo identitário que o determinou perante a interpelação de lugares.

ASPECTS OF DECENTRALIZATION: IDENTITY AND SUBJECT IN POST-MODERNITY

ABSTRACT

This text analyses the subject/identity(ies) position and construction in post-modern time. By noticing that old identities giving support to relation stability are in decline. We discuss, to the light of some scholars, among them Foucault, Lacan, Althusser and Hall, some possible subject decentering. It is understood that this subject is configured as a being without centre, plural and without limits of positioning, which results in open and unfinished identities. However, it cannot be said that this same subject is a fragmented being, but a potential subject, since it is the effect of a complex identity that determined it before the interpellation of places.

Keywords: identity; postmodernity; subject; decentering.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DERRIDA, J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In. **A Escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 229-249.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LACLAU, E. A política e os limites da modernidade. In HOLLANDA, Heloísa B. **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 127-149.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, L. E. C. **Psicanálise hoje: uma revolução no olhar**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SCHNITMAN, D. F. **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Trad. de Jussara H. Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Recebido em 10 de maio de 2016. Aprovado em 13 de outubro de 2016.